

ECONOMIA

ALÉM DA NOTÍCIA

Apesar de tudo

A economia brasileira fecha hoje o primeiro semestre, com dois dados preocupantes: inflação de 226 por cento ao ano e uma correção monetária de 191 por cento, evolução do período julho/83/julho-84. Este último indicador é, sozinho, capaz de dar medo. É que esse será o percentual de reajuste das prestações da casa própria, em julho, que a maior parte dos três milhões de mutuários do Sistema Financeiro da Habitação terá que pagar, agora, a partir de julho, com um salário "achatado" pelo Decreto-lei 2.065 e pela corrosão inflacionária. A inadimplência no pagamento das prestações (atraso superior a três meses) já chega a 17,2 por cento. O aumento recorde deverá, inevitavelmente, acelerar esse fenômeno, com repercussões graves do ponto de vista social e econômico (abandono de moradias, desaceleração quase total das atividades da construção civil voltada para o setor de habitações — o que significa menos empregos para a mão-de-obra de nenhuma ou baixa qualificação; redução ainda maior das vendas do comércio varejista — que hoje apresenta uma queda de 12 por cento). O poder aquisitivo do assalariado não vai poder enfrentar os 191 por cento anunciados, e isso, quase todo mundo sabe, coloca em situação de alto risco a saúde do Sistema Financeiro da Habitação, do Banco Nacional da Habitação.

Para o chefe da assessoria econômica da Seplan, Akihiro Ikeda, esses foram, e são, os pontos negativos da política econômica do Governo neste primeiro semestre. E, por isso, o Governo começa a armar uma estratégia para provocar a regressão do processo inflacionário a níveis aceitáveis por parte da sociedade. E preciso explicar que a correção monetária está alta (e, por tabela, as prestações da casa própria) porque a inflação disparou.

Mas o semestre, que se encerra hoje mostra também uma economia que, embora mergulhada em três anos e meio de recessão, apresenta sinais de lenta, porém segura, recuperação. Isso é indiscutível. As exportações vão bem: o saldo da balança comercial chega ao final de junho apresentando o expressivo número de 5,7 bilhões de dólares, ou seja, 1,2 bilhão de dólares acima da meta intermediária para chegar a 9 bilhões de dólares em dezembro — meta combinada com o Fundo Monetário Internacional.

O bom comportamento das exportações puxou também um crescimento até abril (último dado disponível) da produção industrial (3,87 por cento, em relação ao quadrimestre janeiro-abril do ano passado). O IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — acredita que esse comportamento inicial da indústria pode levar o setor a um crescimento de 4,25 por cento este ano. Akihiro Ikeda arrisca uma previsão para o comportamento das lavouras este ano: acredita num crescimento de 7 por cento.

O nível de emprego (até abril, também último dado disponível) entrou em fase de recuperação. A nível de País, e considerando-se os setores industrial, de comércio, serviços, construção civil, agricultura e serviço público, cresceu 0,4 por cento. O dado foi apurado pelo Sistema Nacional de Emprego, tomando como parâmetro uma população de 16 milhões de empregados.

Apesar do "estouro" da base monetária (emissão primária de moeda), o acordo de estabilização econômica firmado com o FMI também "fecha" o semestre em boa situação. E que, para a instituição, o principal parâmetro que tem que ser cumprido pelos países que recebem a sua assistência não é a base monetária e sim o crédito interno líquido. Considerado a teoria econômica do balanço de pagamentos, esse indicador, como o **CORREIO BRAZILIENSE** antecipou, com exclusividade, esta semana, está em boa situação. Vai apresentar um superávit entre 800 bilhões e 1 trilhão de cruzeiros.

Numa interpretação ligeira do quadro econômico do País, parece que os resultados do primeiro semestre mostram, que a situação melhora, apesar do protecionismo internacional às exportações brasileiras e da elevação da **prime rate** e da **libor**. O que parece estar faltando é encontrar uma fórmula eficaz de reduzir a inflação, que vem inibindo novos investimentos dos empresários.

JOSE BERNADES